

# **INTRODUÇÃO À COSMOVISÃO REFORMADA**

## **AValiação INTERMEDIÁRIA 2 (A2)**

**Cleide Lustosa<sup>1</sup>, Felipe Lessa Trolli<sup>2</sup>, Gabriel Mitelman Tkacz<sup>3</sup>, Gabriel Sanches Tofanello<sup>4</sup>, João Pedro Fragoso<sup>5</sup>, Matheus Henrique De Oliveira Santos<sup>6</sup>, Pedro Mastandrea<sup>7</sup>, Tales Hernandes<sup>8</sup>, Vitor Sampaio<sup>9</sup>**

42218772@mackenzista.com.br<sup>1</sup>, 42223547@mackenzista.com.br<sup>2</sup>,  
42230446@mackenzista.com.br<sup>3</sup>, 42251631@mackenzista.com.br<sup>4</sup>,  
42251419@mackenzista.com.br<sup>5</sup>, 42251419@mackenzista.com.br<sup>6</sup>,  
42204933@mackenzista.com.br<sup>7</sup>, 42202639@mackenzista.com.br<sup>8</sup>,  
32249497@mackenzista.com.br<sup>9</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Faculdade de Computação e Informática  
São Paulo, maio de 2023

## 1. NIILISMO

O Niilismo, originário do latim "nihil", que significa "nada", representa uma cosmovisão que nega ou questiona a existência de verdade, significado, propósito ou valores intrínsecos no universo. No coração do niilismo, existe uma profunda desconstrução de ideais e crenças que muitos de nós tendemos a considerar como pedras fundamentais de nossa existência.

A filosofia niilista tem suas raízes na Europa do século XIX, com filósofos como Friedrich Nietzsche destacando-se como suas figuras emblemáticas. Nietzsche definiu o niilismo como o ponto em que "os valores supremos desvalorizam-se", uma condição na qual as velhas verdades e normas morais perdem seu poder e significado.

Os niilistas, entretanto, não se limitam a apenas negar a existência de propósito ou significado; muitos deles argumentam que essa ausência de sentido intrínseco pode permitir um tipo de liberdade. Em vez de estar preso a normas e valores pré-determinados, o niilista tem a oportunidade de criar seu próprio significado e valor.

Contudo, o niilismo pode ser entendido de várias maneiras. O niilismo moral, por exemplo, rejeita a ideia de uma moralidade objetiva, enquanto o niilismo existencial argumenta que a vida não tem propósito ou significado intrínseco. Já o niilismo epistemológico questiona a possibilidade de conhecimento e verdade.

Apesar de sua visão aparentemente sombria da existência, o niilismo tem exercido uma influência significativa na filosofia, na literatura e nas artes. Por exemplo, os escritos de Albert Camus e Jean-Paul Sartre refletem um sentido de niilismo existencialista. Na arte, o movimento Dadaísta do século XX era niilista em sua rejeição de convenções estéticas tradicionais.

A visão niilista, porém, não é isenta de críticas. Algumas pessoas veem o niilismo como desprovido de esperança, ou como uma cosmovisão que encoraja a indiferença ou o cinismo. Além disso, a ideia de que o valor e o significado são inteiramente subjetivos pode levar a um relativismo que desafia a ideia de qualquer tipo de justiça ou ética universal.

Entretanto, é importante lembrar que o niilismo, como qualquer outra filosofia, é apenas uma lente através da qual podemos tentar entender o mundo. Embora a

perspectiva niilista possa parecer desoladora, ela também pode ser vista como um convite para abraçar a liberdade de criar nossos próprios significados e valores, em vez de aceitar cegamente aqueles que nos são impostos.

O niilismo, então, oferece um contraponto desafiador a outras cosmovisões que afirmam a existência de um propósito universal ou de um conjunto de valores objetivos. Independentemente de se concordar com ela ou não, a filosofia niilista nos obriga a confrontar questões fundamentais sobre a natureza do significado, do valor e do propósito em nossa existência.

A frase "Deus está morto. Nós o matamos." é uma das mais famosas de Nietzsche. Esta declaração dramática aparece em sua obra "A Gaia Ciência", onde é apresentada através de um personagem chamado "louco".

Ao dizer "Deus está morto", Nietzsche não queria afirmar a morte literal de um ser divino, mas sim proclamar a morte do conceito tradicional de Deus como fundamento metafísico da verdade e do valor. Segundo Nietzsche, a humanidade, através do progresso da ciência, da filosofia e da moralidade secular, havia abandonado a necessidade da figura de Deus como sustentáculo de sentido e moralidade na vida. A frase "Nós o matamos" sugere que fomos nós, seres humanos, que por meio do nosso desenvolvimento intelectual e cultural, eliminamos a necessidade de Deus em nossa vida e nossa cultura.

Nietzsche via isso como uma espécie de libertação, mas também como uma fonte potencial de perigo. Ele entendia que essa "morte de Deus" poderia levar ao niilismo - uma crença na ausência de sentido, propósito ou valores intrínsecos na vida. Para Nietzsche, essa era a grande crise da modernidade. Se não houvesse Deus para fornecer um fundamento moral e propósito para a vida, a humanidade teria que inventar seu próprio sistema de valores e propósitos.

Nesse sentido, a frase "Deus está morto. Nós o matamos." é uma declaração um tanto desafiadora quanto inquietante. Ela representa a convicção de Nietzsche de que a humanidade havia se libertado das amarras da religião, mas ao mesmo tempo, encara o risco de cair no abismo do niilismo. Essa ideia tem sido central para muitos debates filosóficos, teológicos e culturais desde então.

Nietzsche, é frequentemente associado ao niilismo, mas sua relação com essa corrente filosófica é complexa e muitas vezes mal interpretada. Embora Nietzsche

tenha criticado o niilismo e tenha discutido questões que estão relacionadas a ele, é importante entender suas visões com mais nuances.

Nietzsche reconheceu que o niilismo era uma preocupação filosófica significativa de sua época. O niilismo pode ser entendido como a negação ou rejeição dos valores e significados tradicionais, resultando em uma sensação de falta de propósito ou valor na vida. Nietzsche argumentava que o niilismo era uma consequência natural da morte de Deus, isto é, o declínio da crença na religião e nos sistemas de valores tradicionais que acompanhavam essa crença.

No entanto, Nietzsche não defendia o niilismo como um estado desejável ou uma filosofia a ser seguida. Em vez disso, ele via o niilismo como uma crise a ser superada. Nietzsche acreditava que o niilismo poderia levar à decadência e ao esvaziamento do sentido da vida, mas também via a possibilidade de superá-lo através de uma reavaliação dos valores e da criação de novos significados.

Nietzsche propôs uma crítica radical dos valores morais tradicionais, argumentando que muitos deles eram baseados em ilusões e serviam para reprimir o potencial humano. Ele buscava uma transvaloração dos valores, um processo de questionar e reavaliar os valores estabelecidos, e defendia a necessidade de criar novos valores que fossem afirmativos e celebrassem a vida.

Portanto, embora Nietzsche tenha abordado o niilismo e suas consequências, suas ideias vão além desse conceito. Ele não se via como um niilista, mas como um crítico do niilismo e um filósofo que buscava ir além dele, construindo uma visão de mundo que enfatizasse a afirmação da vida, a vontade de poder e a busca por novos valores.

## **2. EXISTENCIALISMO**

O termo existencialismo designa o conjunto de tendências filosóficas que, embora divergentes em vários aspectos, têm na existência humana o ponto de partida e o fundamento de muitas reflexões. Também ficou conhecida como a filosofia da existência. Passou a ser o sinal identificador de grande parte do pensamento europeu, sobretudo depois da segunda guerra mundial; por isso, o termo serviu para denominar correntes tão heterogêneas. Nas décadas de 1940 e 1950 significou uma atitude integral diante do mundo e da vida, com poderosas influências em política, na criação

literária e poética, no cinema, na moda etc. Por isso é que se pode dizer que, antes de algumas teses intelectuais, o existencialismo foi uma “atitude” vital.

Vejamos algumas concepções características do existencialismo:

- Ser humano – é entendido como uma realidade imperfeita, aberta e inacabada, que foi lançada ao mundo e vive sob os riscos e ameaças.
- Liberdade humana – não é plena, mas condicionada às circunstâncias históricas da existência, o querer não se identifica com poder, o ser humano vive superando ou não os obstáculos que lhe são propostos.
- Vida humana – não é um caminho seguro em direção ao progresso, pelo contrário, é marcado pelo sofrimento, doenças, dor, injustiça, lutas e fracassos. É preciso considerar esses aspectos adversos da vida.

Historicamente o existencialismo se apresenta como consequência do arrasamento do idealismo alemão, que seguiu à morte de Hegel. Este arrasamento propiciou uma desconfiança sobre a validade dos conceitos universais e abstratos, e uma denúncia de todo e qualquer caminho racionalista que outorgue primazia às ideias por causa de sua incapacidade para fazer justiça à realidade concreta. Apesar de surgir no século XX, porém sofreu grande influência do pensamento de alguns filósofos do período anterior chamado de pré existencialista.

O existencialismo, corrente filosófica que aborda a existência humana e seu significado, tem como figuras fundamentais Søren Kierkegaard, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel.

Kierkegaard (1813-1855) é considerado o precursor do existencialismo. Cristão e crítico do idealismo, suas obras refletem sobre a dificuldade de se acessar a essência do cristianismo por meio do pensamento racional. Ele abordou a existência humana através de três dimensões: a estética, a ética e a religiosa. Segundo Kierkegaard, o homem tem a liberdade de escolher em qual dessas dimensões viver, que são mutuamente excludentes.

Heidegger (1889-1976), embora sua relação com o existencialismo seja discutível, é citado por sua significativa influência sobre a filosofia existencial. Sua obra principal, "Ser e tempo", aborda conceitos como a angústia, a autenticidade e a temporalidade, e examina a relação entre o ser humano (Dasein) e o mundo. Contudo,

Heidegger rejeitou qualquer associação com o existencialismo, insistindo que seu foco filosófico estava no sentido do ser.

Sartre (1905-1980) é conhecido como o grande expoente do existencialismo ateu. Seu trabalho aborda a natureza contingente e gratuita da existência, que carece de fundamentação e objetivo transcendente. Em sua obra "O ser e o nada", ele explora a dicotomia entre o "ser-em-si" e o "ser-para-si", argumentando que a existência é uma busca constante e infrutífera por um sentido mais profundo.

O existencialismo cristão é representado por Gabriel Marcel (1889-1973), que criticou o idealismo e o racionalismo. Convertido ao catolicismo, Marcel resgatou temas da tradição interiorista francesa, evidente desde Montaigne, Descartes e Pascal.

Em resumo, o existencialismo se opõe a sistemas filosóficos que pretendem explicar completamente a experiência humana e em vez disso, enfatiza a importância da experiência individual, da liberdade, da decisão e da responsabilidade. Apesar das diferentes abordagens ao tema, todos os filósofos citados concordam que a existência precede a essência, significando que o indivíduo e suas ações definem seu propósito e significado na vida.

Historicamente o existencialismo aparece como ideologia própria de uma época pessimista e desiludida, que viu fracassarem os grandes ideais do modernismo e fez deste fracasso o horizonte de sua existência. Por isso, o existencialismo foi perdendo audiência à medida que se foi enfraquecendo e se foram esquecendo os desastres das guerras. É o próprio Sartre quem estabelece seu atestado de óbito quando, no começo da Crítica da razão dialética (1960), denunciava seu próprio existencialismo anterior como "ideologia parasitária", própria de uma época já superada. O individualismo radical baseado em uma concepção da intersubjetividade como conflito insuperável ("o inferno são os outros": Sartre), sua incapacidade para integrar positivamente o que significa o conhecimento científico e o desenvolvimento técnico, o caráter insustentável de uma ética heróica, alimentada pelo absurdo foram alguns de seus pontos mais frágeis, para os quais não encontrou resposta adequada. O pensamento atual parece muito afastado do clima existencialista; dele talvez reste a denúncia de qualquer idolatria diante da ciência e da técnica, a desconfiança diante das pretensões desmedidas do racionalismo moderno, assim como a singularidade do existente que supera qualquer sistema.

### **3. PÓS-MODERNISMO**

O Pós-Modernismo é um processo contemporâneo de mudanças significativas nas tendências artísticas, filosóficas, sociológicas e científicas, onde teve seu surgimento após a Segunda Guerra Mundial (1939-45) e o Modernismo (como sua antítese).

Suas principais características são: individualismo, pluralidade, ausência de valores e regras, imprecisão, espontaneidade, mistura do real e do imaginário, e a liberdade de expressão.

Ela adota uma abordagem mais fragmentada, eclética e irônica. Ele questiona a noção de verdade absoluta ou de uma única realidade, enfatizando a pluralidade de perspectivas e a relatividade dos valores culturais. É uma combinação de várias tendências que prevaleceram até hoje nos campos da arte, filosofia, política e sociedade.

Na arte, o pós-modernismo está preocupado com a variedade e mistura de estilos. Não há mais compartimentos de gênero, nem mesmo formas que se apliquem à arte e à esfera social e cultural.

Na filosofia, o pós-modernismo questiona noções de autonomia e subjetividade estável, enfatizando a influência das estruturas sociais, culturais e linguísticas na construção da identidade. Ele também critica a ideia de conhecimento objetivo e neutro, argumentando que o conhecimento é sempre construído a partir de uma perspectiva situacional.

Na política, o pós-modernismo se refere a uma abordagem crítica que questiona as estruturas e narrativas de poder dominantes, questiona a noção de uma verdade política única e universalmente válida e enfatiza a influência do discurso, linguagem e relações de poder na política, a construção da realidade política. Ele critica as narrativas, como o liberalismo clássico, enfatizando a existência de várias perspectivas.

Na sociedade, o pós-modernismo se manifesta de diversas formas e envolve diversos âmbitos da vida social. Marcado pela diversidade de subculturas, grupos e tribos urbanas, marcado pela fluidez e instabilidade das identidades, estimulando as pessoas a experimentar e construir suas identidades de formas mais flexíveis.

### **4. MONISMO PANTEÍSTA ORIENTAL**

O monismo panteísta oriental é uma perspectiva filosófica e religiosa que se desenvolveu em várias tradições espirituais do leste da Ásia. Esta parte de uma visão que enfatiza a unidade fundamental (o um) e interconexão de todas as coisas no universo (tudo).

O conceito de monismo por si pode ser definido como a ideia ou crença de que tudo que existe, seja na realidade material ou imaterial, é parte de um grande elemento só, uma “Realidade Última” ou “Unidade Suprema” dentre outros vários nomes dados.

Já o panteísmo oriental traz um contexto que permeia (e também que deriva) do conceito anterior e pode ser visto como um complemento ou extensão dessa ideologia, aonde aqui o universo, seus seres e toda a natureza é considerado de caráter divino e relevante ao universo geral.

No monismo panteísta oriental, a realidade última é considerada como essa única energia ou consciência que permeia todas as manifestações do mundo. Essa realidade última é geralmente descrita como "Brahman" no hinduísmo, "Tao" no taoísmo e "vacuidade" no budismo.

Se divergindo do dualismo, que supõe uma separação entre espírito e matéria, sujeito e objeto, mente e corpo. No monismo panteísta oriental, não há uma divisão real sobre esses elementos, mas sim uma compreensão e aceitação de que todas as coisas são dependentes entre si e inseparáveis.

Uma das implicações do monismo panteísta oriental é a ideia de que a natureza divina está presente em todas as coisas. Isso significa que todas as formas de vida, seres humanos, animais, plantas e até mesmo objetos inanimados são considerados sagrados e intrinsecamente conectados ao divino. Essa visão promove um senso de reverência pela natureza e uma valorização da harmonia e do equilíbrio com o meio ambiente.

Além disso, o monismo panteísta oriental enfatiza a importância da experiência direta e pessoal da realidade última. Por meio da meditação, contemplação e práticas espirituais, busca-se transcender as limitações da mente e alcançar uma união direta com a essência divina. Essa experiência é frequentemente descrita como uma fusão da consciência individual com a consciência cósmica, uma dissolução dos limites do eu separado.

Exemplos de religiões e/ou culturas que partem do monismo panteísta oriental são: Budismo (China, Japão, Tibete e outros), Hinduísmo (Índia e Nepal), Taoísmo (China) e o Xintoísmo (Japão).



## 5. NOVA ERA

A cosmovisão contemporânea tem observado um fenômeno intrigante e transformador: a emergência de uma nova espiritualidade que não se enquadra nas fronteiras estabelecidas pela religião. A Nova Era simboliza esse movimento que une crenças ancestrais, ciência, psicologia e espiritualidade em uma forma de entender e vivenciar a realidade que vai além da estrutura das religiões tradicionais.

A Nova Era emergiu como uma espécie de contracultura no final do século XX, uma reação à rigidez e à dogmática das religiões convencionais. Uma das suas principais características é a abertura para a pluralidade e a diversidade de crenças, uma vez que rejeita qualquer tentativa de imposição de uma verdade única ou absoluta. Em vez disso, promove a autodescoberta, a autocompreensão e a busca por uma verdade que é pessoal e única para cada indivíduo.

A espiritualidade sem religião da Nova Era promove um retorno ao autoconhecimento, na busca por um sentido mais profundo da existência. Há um reconhecimento de que a espiritualidade é inerente à condição humana, mas também que a expressão dessa espiritualidade é pessoal e única.

A Nova Era abraça a noção de que a espiritualidade é uma experiência multidimensional, que se estende além do mundo físico e permeia todos os aspectos da vida. Essa espiritualidade não se baseia em dogmas ou textos sagrados, mas sim na experiência pessoal e direta do sagrado e do divino.

A valorização da natureza é outra marca da Nova Era. A natureza não é vista como uma entidade separada a ser dominada, mas como um ser vivo e sagrado que compartilha a mesma essência divina que os humanos. Esta visão se reflete em práticas e crenças que promovem a harmonia e o respeito pela Terra e por todas as formas de vida.

Além disso, a Nova Era incorpora uma visão holística da saúde, considerando não apenas o corpo físico, mas também as dimensões emocional, mental e espiritual do ser humano. Neste sentido, a cura é vista como um processo que envolve todos esses aspectos e que é facilitado por uma variedade de práticas, desde a medicina alternativa até a terapia artística.

A Nova Era, com sua abordagem de espiritualidade sem religião, traz uma nova perspectiva para a cosmovisão contemporânea. Ela sugere que é possível ter uma experiência espiritual profunda e significativa que seja independente das estruturas

religiosas tradicionais, e que cada indivíduo é livre para explorar e expressar sua própria espiritualidade de maneira que seja mais significativa para ele. Ao fazer isso, a Nova Era abre a porta para uma nova forma de se entender e vivenciar a realidade, uma que seja baseada na experiência pessoal, na diversidade de crenças e na valorização da natureza e de todas as formas de vida.

## 6. TEÍSMO ISLÂMICO

O Islã é uma das maiores religiões do mundo, com aproximadamente 1,5 bilhão de seguidores em todo o mundo. Surgiu no século VII na Península Arábica, por meio das revelações recebidas pelo profeta Muhammad. A palavra "Islã" em árabe significa "submissão" e reflete a essência da religião, que é a submissão a Deus, conhecido como Alá.

A história do Islã começou com Muhammad, um comerciante árabe que vivia em Meca. Segundo a tradição, em 610 d.C., Muhammad recebeu a primeira revelação divina do Anjo Gabriel, que o instruiu a recitar as palavras de Deus. Essas revelações continuaram ao longo de um período de 23 anos e foram posteriormente compiladas no livro sagrado do Islã, o Alcorão.

As pregações de Muhammad começaram a incomodar as autoridades de Meca, uma vez que desafiavam as crenças e práticas tradicionais dos habitantes locais. A cidade era um importante centro de peregrinação para os deuses pagãos, o que trazia riqueza para a região. A perseguição crescente levou Muhammad e seus seguidores a buscar refúgio na cidade de Medina em 622 d.C., evento conhecido como a Hégira. Esse marco também marca o início do calendário islâmico.

Em Medina, Muhammad se tornou um líder religioso e político, unindo as tribos locais sob os princípios do Islã. Ele estabeleceu uma comunidade baseada na justiça, solidariedade e adoração a um único Deus. A comunidade islâmica cresceu rapidamente e, eventualmente, Muhammad retornou a Meca em triunfo, onde as crenças islâmicas foram aceitas e a cidade se tornou o centro espiritual do Islã.

O Islã é fundamentado em princípios centrais que guiam a vida dos muçulmanos. Esses princípios são conhecidos como os Cinco Pilares do Islã:

- **Shahada:** É a declaração de fé no Islã, que afirma: "Não há divindade além de Alá e Muhammad é seu mensageiro".

- **Salat:** Refere-se às cinco orações diárias que os muçulmanos devem realizar voltados para a cidade sagrada de Meca. Essas orações são um meio de comunicação direta com Deus.
- **Zakat:** É a prática da caridade e da doação de uma porcentagem dos ganhos para ajudar os menos afortunados. Geralmente, a quantia é de 2,5% da riqueza total.
- **Sawm:** Refere-se ao jejum durante o mês sagrado do Ramadã, que envolve a abstinência de comida, bebida e relações sexuais do amanhecer ao pôr do sol. Esse período é uma época de reflexão espiritual e autocontrole.
- **Hajj:** É a peregrinação obrigatória a Meca que todo muçulmano deve realizar pelo menos uma vez na vida, se tiver condições físicas e financeiras.

## 7. COSMOVISÃO CALVINISTA

A cosmovisão reformada e o calvinismo são perspectivas teológicas que influenciam a maneira como os reformados veem o mundo. A cosmovisão reformada abrange uma série de crenças e valores baseados nos ensinamentos de João Calvino e outros teólogos reformados. O calvinismo, como uma expressão teológica dessa cosmovisão, enfatiza a soberania de Deus e as doutrinas dos "Cinco Pontos do Calvinismo".

A cosmovisão reformada destaca a soberania de Deus em todas as áreas da vida e a total dependência da graça divina para a salvação. Os reformados procuram aplicar princípios bíblicos em diversas esferas, como política, educação, economia e cultura. Por sua vez, o calvinismo, uma expressão teológica específica dentro da cosmovisão reformada, enfatiza a soberania absoluta de Deus na criação e na salvação, expressa pelos "Cinco Pontos do Calvinismo".

Os "Cinco Pontos do Calvinismo" são:

- **Depravação Total:** A crença de que a humanidade está completamente corrompida pelo pecado, incapaz de se salvar ou agradar a Deus por si mesma.
- **Eleição Incondicional:** A doutrina de que Deus, de forma soberana, escolheu quem será salvo, independentemente de qualquer mérito humano.
- **Expição Limitada:** A crença de que a morte de Cristo na cruz foi eficaz apenas para os eleitos, não sendo uma oferta universal de salvação.

- Graça Irresistível: A convicção de que a graça de Deus é irresistível, ou seja, quando Ele chama alguém para a salvação, essa pessoa responderá e será salva.
- Perseverança dos Santos: A doutrina de que aqueles que são verdadeiramente eleitos e salvos por Deus ficarão na fé até o fim, sendo incapazes de perder a salvação.

Portanto, enquanto a cosmovisão reformada e o calvinismo compartilham a ênfase na soberania de Deus e na dependência da graça divina, o calvinismo se destaca por suas doutrinas específicas.

A cosmovisão reformada tem suas raízes no movimento da Reforma Protestante no século XVI, com líderes como Martinho Lutero e João Calvino. Calvino foi um teólogo suíço que desenvolveu uma teologia sistemática e influente, que se tornou a base do calvinismo. Ao longo dos séculos, a cosmovisão reformada e o calvinismo se espalharam e se desenvolveram em várias tradições reformadas ao redor do mundo.

A cosmovisão reformada e o calvinismo são perspectivas teológicas que enfatizam a soberania de Deus, a depravação humana e a salvação pela graça divina. Essas visões moldam a forma como os reformados veem o mundo, buscando a aplicação dos princípios bíblicos em todas as esferas da vida. O calvinismo, como uma expressão teológica dessa cosmovisão, se destaca pelos "Cinco Pontos do Calvinismo".

## 8. BIBLIOGRAFIA

- Revista INSPIRE-CE. "O que é o Nihilismo de Nietzsche?". YouTube, 8 de abr. de 2023.
- Epifania Experiência. "Nihilismo | Deus está morto?". YouTube, 2 de abr. de 2021.
- COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas, Volume Único. São Paulo. Saraiva, 2013. 17 ed. p.187, 205-206.
- SILANES, Nereo. Dicionário teológico (Dicionários) (pp. 889-895). Paulus Editora. Edição do Kindle.
- CALVINO, João. "Institutas da Religião Cristã". Edições Paracletos, 2006.
- BAVINCK, Herman. "Dogmática Reformada". Vol. 1-4. Cultura Cristã. 1ª edição, 2019.
- SILVA, Daniel. "Islamismo". Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/religioes/islamismo.htm>>. Acesso em: 25 maio 2023.

- SANTANA, Ana. Panteísmo. InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/religiao/panteismo/>. Acesso em: 26 maio 2023.
- MENDES, Carlos. Jornada para o Oriente: Monismo Panteísta Oriental. Classe Capacitação, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://classecapacitacao.blogspot.com/2012/12/jornada-para-o-oriente-monismo.html> > Acesso em: 20 maio 2023.
- HANEGRAFF, Wouter J. Nova Religião: Um Guia para a Nova Era. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- YORK, Michael. The Emerging Network: A Sociology of the New Age and Neo-Pagan Movements. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 1995.
- HEELAS, Paul. The New Age Movement: The Celebration of the Self and the Sacralization of Modernity. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1996.
- CLARKE, Peter B. (ed). Encyclopedia of New Religious Movements. London: Routledge, 2004.
- SUTCLIFFE, Steven J.; BOWMAN, Marion (eds). Beyond New Age: Exploring Alternative Spirituality. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.
- SCHULTZ, Ted. A Era do Ceticismo: Fé, Esperança e Religiosidade no Novo Milênio. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- Aidar, Laura. "Pós-Modernismo". Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/pos-modernismo/>. Acesso em: 25 de maio de 2023.
- Rosa, Joseane. "Pós-Modernismo". Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/pos-modernismo>. Acesso em: 26 de maio de 2023.
- "Pós modernismo: 7 principais características". Disponível em: <https://blog.essenciamoveis.com.br/pos-modernismo-7-principais-caracteristicas/>. Acesso em: 26 de maio de 2023.